



A Doutrina do Mal em Santo Tomás de Aquino

Ronaldo Callegaro¹

Resumo:

Este artigo apresenta, em linhas gerais, a concepção de Mal arquitetada por Santo Tomás de Aquino em sua obra, no âmbito da filosofia escolástica. O Doutor Angélico, seguindo a leitura agostiniana do fenômeno do mal, o compreende também como uma privação, isto é, uma deficiência ou carência no ser. O mal é ausência do Bem supremo que é o próprio Deus. É, do mesmo modo, falta de um bem menor (na escala de perfeição) que deveria fazer-se presente na natureza do ser. Enquanto falta ou ausência, o mal é imperfeição e, portanto, não pode ser considerado como uma substância, mas apenas acidente do ser. Para Aquino ainda, o mal deve ser diretamente associado ao pecado original, causa da corrupção e concupiscência da natureza humana.

Palavras-chave: Mal. Bem. Pecado. Ser. Não-Ser.

Abstract:

This article presents, overall, the conception of Evil developed by Saint Thomas Aquino in his work, in the scholastic philosophy's extent. The Angelical Doctor understands the evil, according to Augustinian's view of this phenomenon, also like a deprivation, that is, a being's failure or dearth. Evil is absence of the supreme Good, that is precisely God. In this way, what should be the being's nature is the lack of a lesser good (in the perfection scale). As lack or absence, evil is imperfection and, so, can't be considered as a substance, but only as an accident of being. Moreover, in Aquino's thought, evil must be directly linked to the original sin, that is the cause for corruption and lust in the human nature.

Keywords: Evil. Good. Sin. Being. Nonbeing.

* * *

I – O Mal como Privação

Os historiadores medievalistas Etienne Gilson e Philotheus Boehner afirmam que Tomás de Aquino², no âmbito da filosofia escolástica³, ao pensar e buscar entender

¹ Licenciado em História pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Graduando em Filosofia (Licenciatura) pela Faculdade João Paulo II (FAJOPA). Orientador: Prof. Ms. Orion Ferreira Lima. Email: callegaro.ronaldo@gmail.com.

² Tomás de Aquino é considerado pelos historiadores da filosofia medieval como o expoente máximo do período da filosofia Escolástica. Ao elaborar um sistema de saber fundamentado na transparência lógica e na conexão orgânica entre as partes, aos moldes das obras de seu mestre Aristóteles, o pensador cristão edificou um verdadeiro edifício metafísico em defesa da fé cristã. Assim, sua filosofia pode ser



a criação do mundo como reflexo à perfeição e bondade de Deus, necessariamente se depara com o problema da perfeição do mundo e do porque da “existência” do mal.

Sobre o problema da perfeição do mundo, o santo angélico o resolve quando determina o ser das coisas individuais pelas suas respectivas formas, isto é, pela quantidade diferente de perfeição presente em cada ser. “Tendo expressado suas perfeições em seres diversos, e, portanto, em formas diferentes de perfeição, era mister que Deus os criasse em graus diferentes de perfeição”, afirma Gilson e Boehner (GILSON & BOEHNER, 2007, p. 465).

Para Aquino os seres se apresentam em uma ordem hierárquica de perfeição no conjunto da criação, sendo os elementos compostos mais perfeitos que os elementos simples. Por exemplo, podemos citar as plantas que são mais perfeitas que os minerais, os animais que são mais perfeitos que as plantas, assim também os homens, que na hierarquia da criação, são mais elevados no grau de perfeição que os animais. Portanto, “ao querer a diversidade dos seres, Deus quis simultaneamente a perfeição do mundo em seu conjunto”, explica Aquino (AQUINO apud GILSON & BOEHNER, 2007, p. 465).

Aquino estabelece categorias para a representação da perfeição divina: as criaturas inanimadas e irracionais representarão a perfeição divina a modo de vestígio e, os seres humanos e os anjos, como participantes em maior intensidade do ato de ser de Deus, representarão a Sua perfeição a modo de imagem e semelhança. Com isso, nenhuma criatura se encontra, quanto à sua natureza, absolutamente privada da perfeição do bem divino, embora saibamos que as criaturas participam do Ser de Deus de modo análogo (FAITANIN, 2006, p. 111).

considerada como um *preambulum fidei*, ou seja, uma preparação para a fé. (REALE & ANTISERI, 1990, p. 552).

Aquino nasceu em Rocca Secca, na Itália meridional, reino de Nápoles, entre 1224 e 1225. Em 1244 ingressou na ordem dos frades dominicanos à revelia da família, atraído pela forma de vida religiosa que era envolvida pelos debates culturais da época. Teve como seu mestre Alberto Magno, em Paris e, com Boaventura obteve o título de mestre em teologia. O doutor Angélico veio a falecer em Fossanova, no convento dos Cistercienses, em março de 1274, com quarenta e nove anos de idade. (GILSON & BOEHNER, 2007, p. 448).

³ Segundo o *Dicionário Básico de Filosofia*, de Hilton Japiassú e Danilo Marcondes a terminologia “Escolástica” significa originariamente “doutrina da escola” e designa os ensinamentos de filosofia e teologia ministrados nas escolas eclesiais e universidades na Europa durante o período medieval, sobretudo, entre os séculos IX a XVII. A escolástica caracteriza-se, em linhas gerais, principalmente pela tentativa de conciliar os dogmas da fé cristã e as verdades reveladas nas Sagradas Escrituras com as doutrinas filosóficas clássicas, destacando-se o platonismo e o aristotelismo. (JAPIASSÚ & MARCONDES, 2006, p. 90).



Segundo Tomás de Aquino: “De este primero, que es ser y bueno por esencia, todas las cosas pueden recibir su denominación tanto de seres como de buenas, pues, como dijimos (q.4 a.3) participan de él si bien lejana y deficientemente, con una cierta semejanza⁴” (AQUINO, 2001, p. 138).

No entanto, ainda conforme Aquino, a criatura espiritual é a que mais intensamente participa da bondade divina por sua natureza, e isto, na concepção cristã, revela que Deus a quis ter como a mais digna de se aproximar d’Ele. A dignidade da natureza humana será um valor em si mesmo, pois representa e aponta para o bem e o amor de Deus por ela. Quanto mais digna for a natureza, por revelar a perfeição que a aproxima de Deus, maior será a ofensa pela sua não-conversão voluntária a Ele. Neste sentido, para a doutrina tomasiana, a criatura espiritual ofende intensamente a Deus quando, por vontade livre, prefere as criaturas e pretere a Deus (FAITANIN, 2006, p. 111).

Após apresentar a proporção individual de perfeição presente em cada ser (ou coisa) que compõe o conjunto da criação realizada à imagem e semelhança do criador, Aquino distinguiu dois graus na escala da perfeição: “em certos seres a perfeição é perecível, enquanto que outros à possuem de maneira inamissível: há coisas corruptíveis e incorruptíveis” (GILSON & BOEHNER, 2007, p. 466).

Assim, para o filósofo escolástico, a essência do mal está na deficiência de um determinado grau de perfeição, ou seja, na privação de um determinado bem, justamente porque do ponto de vista metafísico o ser criado por Deus não só procede, mas também decai do Criador por conta da desobediência, do pecado original cometido pela criatura. Daí a afirmação de que “toda criatura é necessariamente imperfeita, quando comparada à perfeição divina” (AQUINO apud GILSON & BOEHNER, 2007, p. 466).

O mal, portanto, não é uma substância, ou seja, em si mesmo, não é algo, mas se manifesta como *privação* (ausência) de um bem particular do ser. Nas palavras do filósofo e teólogo da escolástica,

[...] deve-se dizer certamente que o mal está nas coisas, mas como privação, não como algo real; não obstante, está na razão como algo

⁴ “Deste primeiro que é ente e bom por essência, cada coisa pode ser dita boa e ente, enquanto dele participa por certa assimilação, mesmo longínqua e deficiente”. Ver Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, I, 6, 4, C. (Tradução nossa)



inteligido; e por isto pode dizer-se que o mal é um ente de razão e não da coisa, dado que no intelecto é algo, mas não na coisa; e este mesmo ser inteligido, pelo qual se diz que algo é ente da razão, é um bem; pois é um bem que algo seja inteligido (AQUINO, 2005, p. 25).

Nesse sentido, segundo Aquino, o mal não tem perfeição nem ser. O mal só pode significar a ausência do bem e do ser; pois o ser, enquanto ser, é um bem. Por essa razão, o mal representa algo puramente negativa, ou melhor, ele não é nem essência nem realidade. Ele se apresenta como privação de uma propriedade que a substância deveria possuir. (AQUINO, 2005, p. 15). O mal, portanto, “é mais corretamente denominado uma privação, ou carência daquilo que deveria estar presente” (AQUINO apud GILSON & BOEHNER, 2007, p. 466).

Ainda para o filósofo do medievo, o mal produzido por algum ser não pode ter sua causa em Deus porque a ação que produz o mal, se deve ao fato de haver uma privação ou defeito na própria atividade que o ser desempenha. No agir de Deus, ao contrário, é impossível haver a menor deficiência, pois Ele é a perfeição absoluta. Assim, para Tomás, “não podemos responsabilizar a Deus pelo mal, enquanto este implica uma defecção propriamente dita; Deus não causa senão o bem e o ser” (AQUINO apud GILSON & BOEHNER, 2007, p. 467).

II – O Mal como Sofrimento

Enquanto manifestação tangível que afeta o corpo e a alma do ser humano, o mal deve ser considerado um fenômeno presente na história.

Ele é evidente e multifacetado na medida em que se revela e se manifesta aos olhos humanos como corrupção do homem pela morte, na depravação da relação humana para com Deus e seus semelhantes, nas doenças, guerras e terrorismos, na exploração da natureza entre outros inúmeros eventos. Entretanto, segundo Aquino, os piores males não são as dores ou privações físicas, mas, ao contrário, são os que tocam intimamente o humano, “pois atingem a natureza da alma, dada a sua deliberação consciente. A estes males a tradição cristã deu o nome de pecado” (FAITANIN, 2006, p. 113).



Esta forma de mal, Aquino a denomina como mal de culpa (*malum culpae* ou *peccatum*) (em contraposição ao *mal de pena*⁵) e, para o homem, o mal de culpa é o maior, “pois provém das suas ações livres que se opõem aos bens espirituais da graça e da glória e, conseqüentemente, a Deus, fonte da graça e Senhor da glória” (FAITANIN, 2006, p. 113). Este mal de culpa se faz presente no ser, sobretudo, pelos atos desordenados, a partir do apetite racional, guiados pela vontade humana (AQUINO, 2005, p. 81-89).

Neste contexto, como fenômeno complexo que é, o mal se manifesta na mais ampla diversidade de aparências, ou seja, não se revela unicamente na velha roupagem de maldade cruel. Ele se pinta, muitas vezes, com ar de nobreza, ocultando-se nas coisas aparentemente boas; esconde-se em alguns prazeres, na busca desordenada de saúde, num sorriso de ódio e revanche, na verdade que acoberta uma mentira etc. O mal ao se revelar atraente, pode parecer suprir o sujeito do bem de que carece. “Contudo, mesmo nos casos em que pretende aparentar um bem, o mal sempre acarreta sofrimento” (FAITANIN, 2006, p. 113-114).

Como já foi ressaltado acima, o mal na filosofia de Tomás de Aquino significa exatamente a carência de perfeição no sujeito em que se dá. Ele (o mal) é, portanto, a falta, a ausência de ser, de perfeição, de virtude na natureza do ser, enfim, privação do bem do qual o sujeito deveria possuir, mas se encontra carente. Neste sentido, o mal é *no* sujeito, porém não tem existência *como* sujeito porque a existência do mal depende do existir do sujeito, senão “toda personificação ou substantivação do mal cessará de sentido” (FAITANIN, 2006, p. 114).

Assim, podemos afirmar alicerçados em Aquino, que o melhor nome que identifica o mal para o cristianismo, é o pecado diretamente associado com o mal moral, pois este mal “se dá no contexto da liberdade e da responsabilidade humanas, como conseqüência de ações assentadas nos juízos da razão e na anuência da vontade” (FAITANIN, 2006, p. 109).

⁵ O *mal de pena*, explica Faitanin (fundamentado em Aquino) é causado por Deus, pois quando Este castiga o ser humano (conforme é relatado nas Sagradas Escrituras, particularmente nos livros de *Isaias* 45, 7 e de *Amós* 3, 6), não visa o seu mal, mas age com o intuito de imprimir ordem e justiça nas coisas. O mal de pena é ainda sempre contrário à vontade, pois é comum a toda pena ser contrária à vontade daquele a quem é imposta. (FAITANIN, 2006, p. 112). Ver também Tomás de Aquino, *Sobre o Mal*, q.1, a. 1-5).



O homem livre e responsável, portanto, pode ser motivado pela reta razão como também pelas paixões desordenadas, já que são suas escolhas e ações que estabelecem o mal moral. Este mal, por sua vez, ao privar o homem de atingir seu fim que é a conversão plena a Deus, colocando-o contra o Criador supremo e afastando-o da presença Beatífica de Deus, deixa seqüelas e feridas abertas na alma humana (FAITANIN, 2006, p. 109-110).

Ainda neste horizonte do mal moral (que se identifica com o pecado na medida em que este significa a desobediência que afasta o homem de Deus e o priva do bem que é gozar da Sua presença), Aquino nos apresenta três tipos de mal.

Primeiramente, o mal moral que priva o homem, por seu livre consentimento, da ordem ao fim devido, ou seja, dos bens espirituais (graça e glória) e morais (que são os bens da alma: vida, conhecimento, virtudes, etc.). Este mal lhe causa sofrimento (FAITANIN, 2006, p. 115).

Em segundo lugar, temos o mal metafísico. Conseqüente e subordinado ao mal moral é o estado de privação dos bens originários da natureza humana, que são a graça santificante (que lhe comunicava a filiação divina no estado de inocência) e os dons preternaturais (isenção da morte, do sofrimento e de desordem da concupiscência). Esse mal metafísico coloca o homem no estado de incapacidade de chegar, pelos próprios esforços, à sua plena realização (FAITANIN, 2006, pp. 115-116).

E, por fim, Aquino se refere ao mal físico, que pode ser entendido como deficiência da matéria (independentemente da vontade humana, mas em conseqüência do pecado original), ou como decorrência do mal moral (o qual acontece a partir da vontade humana, o que faz dele um pecado pessoal), ou ainda pela privação de algum bem físico (e isto causa sofrimento, dor ou incapacidade física, como por exemplo, a cegueira) (FAITANIN, 2006, p. 116).

Enfim, para santo Tomás, o mal moral, o mal metafísico e o mal físico, manifestam uma só e sempre mesma conseqüência nefasta e trágica para natureza humana, qual seja: a da dor, a do sofrimento, e, até mesmo, a implicação da morte (FAITANIN, 2006, p. 116).

III – O Mal como Insídia



A origem do mal no mundo, segundo Aquino, se deve à insídia e aversão do demônio que se rebelou contra Deus e persuadiu o homem a pecar. Aquino mostra que Deus criou o homem comunicando-lhe graças e dons que o elevaria à perfeição do espírito. Porém, por sua vontade e responsabilidade, insuflado pelo orgulho e mentiras demoníacas, o homem “deixou-se seduzir pelo desejo de igualar-se ao Criador, não respondendo à prerrogativa divina, ou seja: à Lei divina⁶” (FAITANIN, 2006, p. 117).

Aponta Aquino que a implicação do mal para o homem foi tremenda. Este foi marcado pelo mal (a partir da desobediência ao Criador) com o selo da concupiscência, da ignorância (enquanto desconhecimento do que é verdadeiro), com o selo do orgulho, da malícia, dos vícios capitais e da morte.⁷

A transgressão foi “profundamente sentida na natureza do homem, pois ao afastar-se livremente de Deus (mal moral) sua natureza atrofiou-se naquilo que era a sua razão de bem, e no que fora chamado a obedecer a Deus” (FAITANIN, 2006, p. 117-118). Como consequência, o ser da natureza humana foi profundamente privado (mal metafísico) da presença de Deus, sendo esta ausência refletida diretamente no corpo (mal físico), na medida em que excluiu o “homem do bem e da perfeição necessários para que pudesse chegar a ser aquilo para o que foi criado” (FAITANIN, 2006, p. 118).

Assim, para Aquino (em conformidade com tudo o que explicitamos anteriormente), o mal enquanto privação do ser e do bem é, em síntese, uma corrupção e não propriamente uma natureza. Uma natureza má é corrompida naquilo em que se degenerou, mas não é má enquanto natureza nos ensina o santo medieval (FAITANIN, 2006, p. 120).

IV – O Mal como Adesão

Santo Tomás explica (em relação à livre e consciente adesão humana ao mal, acontecida pelo pecado e através do pecado), que o drama da passagem do estado de

⁶ Ver Tomás de Aquino, *Sobre o Mal*, nas respectivas questões: q.4, a.1, c; q.4, a.2, c; q.4, a.3, c; q.4, a.4, c; e q.4, a.5, c.

⁷ Ver também Tomás de Aquino, *Sobre o Mal*, nas respectivas questões: q.3, a.8.c; q.3, a.7, c; q.3, a.12, 13, 14, c. A mesma obra enumera os sete pecados capitais, nas seguintes questões: *soberba* (q.8, a.1, c); *inveja* (q.10, a.1-3); *acídia* (q.11, a. 1-4); *ira* (q.12, a. 1-5); *avareza* (q.13, a.1-4); *gula* (q.14, a.1-4); *luxúria* (q.15, a.1-4).



beatitude, justiça e sabedoria absolutas adquiridas junto ao Criador, se dá no momento em que o intelecto humano perde esta condição de plenitude passando ao estado de natureza decaída, após o pecado original. (FAITANIN, 2006, p. 121).

Isto incidiu segundo Aquino, porque o demônio, pai da mentira, semeou no intelecto humano o orgulho, entronizou a desordem, a ignorância, a malícia e a escuridão. A privação de tal condição de beatitude fez com que o intelecto humano se perdesse no engano, no erro, buscando apenas o que tinha aparência de verdade. Desde então, isso tem causando grandes dificuldades para a natureza humana conhecer a verdade acerca das coisas. (FAITANIN, 2006, p. 121).

Além disso, embora o homem possua uma consciência (compreendida pela tradição do cristianismo como estado de percepção) mediante a qual “ele tem ciência do que lhe é necessário ou supérfluo, do que deve entender e querer, de como deve agir ou do que deve omitir, do que é bom para a sua natureza e do que não o é” (FAITANIN, 2006, p. 121-122); e, dentre todas as criaturas terrestres, ele (o homem) também seja o único a ter uma percepção apurada de si, em si e para si; e, ainda tenha uma tendência natural de agir conforme a um fim que seja um bem para a sua natureza; não obstante a tudo isso, para Santo Tomás, a *vontade humana* (esta tendência para se desejar o bem), só será plenamente livre quando suas escolhas forem iluminadas pela inteligência e não orientadas pela concupiscência de instintos e paixões. (FAITANIN, 2006, p. 122-123).

Nas palavras de Faitanin:

[...] a tradição do pensamento cristão sublinha que, a partir do pecado original, se instaurou a desordem dos instintos, dos desejos e dos sentidos: a *concupiscência*. E na desordem, embora o intelecto ilumine a verdade para a vontade, o apetite volitivo do homem não logra ordenar os ímpetus inferiores ao bem relativo àquela verdade, e, em consequência, ele se torna menos apto, no exercício de sua liberdade, a arbitrar adequadamente acerca do bem e da verdade desejados. Estando condicionado a escolher o que deseja, toda vez que for orientado pelo instinto e pelas paixões, o homem será *escravo das suas escolhas*. Tornar-se-á menos livre ao eleger somente o que quer (e não o que é ontologicamente melhor), ou o que lhe apareça com um certo “ar de bem”. Por isso, a consciência acusa quando a vontade escolhe e arbitra algo que deponha contra iluminação pela inteligência (FAITANIN, 2006, p. 123-124).



A adesão do homem ao bem passa, portanto, pela reordenação da vontade, não mais dirigida pela concupiscência da carne marcada pelo pecado, mas orientada pela “aquisição das chamadas virtudes intelectuais, morais e teologais, as quais disciplinam a natureza e a dispõem à graça, que a revigora na ordenação ao bem e à verdade” (FAITANIN, 2006, p. 124).

Assim, podemos ainda afirmar que para a escolástica a liberdade é a capacidade que o homem possui para ser senhor de suas próprias ações. Estas ações devem ser guiadas pela racionalidade que, no homem,

[...] *emana do intelecto* (hábito e força oriundos do apetite intelectual, na busca da verdade e do bem), *se manifesta pela vontade* (potência de ordenar-se na eleição livre da verdade e do bem) e *se realiza na escolha* (ato que realiza e atualiza o apetite intelectual da verdade e a potência volitiva do bem). O homem, mediante esta capacidade, pode querer e não querer, fazer e não fazer. E a razão disso está no próprio poder da razão (FAITANIN, 2006, p. 124).

É pela liberdade dada ao homem por Deus (o *livre-arbítrio* – tem a chave para a compreensão da teologia e religião cristã) que a ação humana pode se dignificar em excelência e nobreza ou tornar-se ultrajante e infame. Na concepção tomasiana, o homem só se torna escravo quando, orientado pelos seus vícios, não consegue escolher (mesmo que a escolha implique o contrário ao seu querer) o que racional e moralmente deveria fazer. Por outro lado, ele só possui liberdade na medida em que escolhe porque é livre e, quanto mais livre for a sua escolha, menos escrava será a sua liberdade (FAITANIN, 2006, pp. 124-125).

Acreditamos, firmados em Aquino, que somente através da aquisição das virtudes (perdidas com o pecado original) e abertura à graça de Deus é que o homem poderá exercer com responsabilidade a sua liberdade. A adesão plena ao Bem supremo, que é Deus (retirada da natureza humana quando esta, assolada pelo mal, se tornou escrava de seus apetites desordenados) só será possível novamente, quando esta mesma natureza humana libertar-se da desordem de sua concupiscência (FAITANIN, 2006, p. 125).

Deste modo, segundo a concepção cristã de existência, o homem precisa compreender, de uma vez por todas, que o *sofrimento* (gerado pela ação do mal), só



deixará de se apresentar como uma aporia e sem sentido em sua vida, e poderá se tornar um meio ou via de reparação ou mesmo uma fonte de mérito, se o ser humano redimensionar tal sofrimento aporético em *telos*, ou seja, estabelecendo uma finalidade que o conduza ao divino. No mistério do mal presente no mundo, Deus insere para o pecador a possibilidade do bem: o homem pode por si conhecer a sua miséria, humilhar-se diante de Deus e invocar o seu auxílio.

Em suma, o mal, na medida em que se opõe a Deus, sumo Bem, e, concomitantemente, à própria natureza humana e a tudo o que lhe serve à vida, é um problema filosófico-teológico que urge por novas abordagens na perspectiva de uma contínua reflexão sobre uma aporia tão antiga, mas sempre atual e desafiadora no âmbito antropológico.

De qualquer modo, diante da postura teórica de Tomás de Aquino sobre o problema do mal, é impossível permanecermos alheios ou indiferentes a tal situação na história da vida dos homens.

Referências

- AQUINO, Santo Tomás de. *Sobre o Mal*. Tradução Carlos Ancêde Nougé; Apresentação Paulo Faitanin. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2005. Tomo I.
- _____. *Suma de Teología*. Tradução José Martorell Capó. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2001. v. I.
- FAITANIN, P. “O Mal como Privação do Bem em Santo Tomás de Aquino”. In: *Aquinate*. n.º. 2, 2006, pp. 106-134.
- GILSON, E.; BOEHNER, P. *História da Filosofia Cristã*. Petrópolis: Editora Vozes, 10ª ed., 2007.
- MARCONDES, D.; JAPIASSÚ, H. *Dicionário Básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 4ª ed., 2006.
- REALE, G.; ANTISERI, D. *História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média*. São Paulo: Paulus, 1990.